

Assunto: Centro Histórico Restauração

Só um trabalho conjunto salva Centro Histórico de Salvador

Comenta-se muito sobre a falta de memória do povo brasileiro, mas até agora pouca gente tentou criar um projeto político que leve a população a amar sua história e tradições, como acontece em quase todas as civilizações do planeta. Aqui, conforme comenta o arquiteto Armando Branco, presidente do IAB (Instituto dos Arquitetos da Bahia), patrimônio histórico é confundido com coisa velha e, por isso, descartável. Talvez esse erro de compreensão seja o responsável pela miséria a que está relegada a grande parte do patrimônio histórico da Bahia. Vários sítios tombados, na capital e no interior, degradam-se dia-a-dia, seja por má utilização ou por falta de recursos para a recuperação. Só para citar um exemplo, a Igreja de São Francisco, famosa por suas paredes douradas, está sendo recuperada há 10 anos. E provável que quando a restauração terminar seja o momento de começar tudo de novo.

De que existe falta de dinheiro, atualmente, não resta a menor dúvida. Mas não foi agora que um estado como Minas Gerais conseguiu recuperar seus monumentos e fazer de Ouro Preto, (por exemplo, uma cidade-monumento). Os atuais dirigentes da área de conservação e patrimônio, assim como parte de alguns setores da sociedade civil, estão convencidos que somente o trabalho conjunto poderá resolver o problema do patrimônio na Bahia. A tarefa não é fácil na atual conjuntura, porque não existem recursos para se dar o pontapé inicial. Pior que isso, falta um projeto claro, que defina etapas e metas a serem cumpridas, conforme observação de Armando Branco, também envolvido com o projeto "A Cidade é Nossa".

Caso especial

A questão do patrimônio na Bahia é tratada pela União (Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural — IPBC) e pelo estado (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural — IPAC), podendo, também, receber um tratamento da municipalidade, no que se refere ao aspecto urbanístico. Com o devido respeito que se deve ter pelo valioso patrimônio histórico e cultural de outras cidades e estados brasileiros, não se pode esquecer que em Salvador estão os primeiros traços da instalação urbana dos portugueses no Brasil. Como isso atravessa séculos e mistura vários estilos arquitetônicos, a capital baiana seria merecedora de um tratamento diferenciado, tanto no ponto de vista dos recursos quanto em relação à definição de uma política do patrimônio.

No IBPC, ex-SPHAN, a ascensão do advogado Luiz Viana Queiroz, 28 anos, ao posto de diretor do órgão reanima um pouco a instituição que, no ano passado, perdeu seus escritórios técnicos no inte-



Famílias sobrevivem em meio às ruínas dos antigos casarões

rior e cujo quadro de funcionários foi reduzido para 42 em todo o estado. No meio dessa problemática, Queiroz diz ter esperança de conseguir, até o final do ano, gerir Cr\$40 milhões para dar continuidade aos serviços que encontrou em andamento. Um desses serviços é a restauração da Igreja de São Francisco, que agora anda a passos lentos, com cerca de cinco funcionários na execução. Outra parte deverá ser aplicada nas obras que estão sendo realizadas na Santa Casa de Misericórdia. O que sobrar desse magro orçamento será aplicado, ainda, no Museu Regional de Cachoeira.

A questão, porém, não é dinheiro tão-

somente. Luiz Queiroz está querendo desenvolver um trabalho conjunto, ou seja, em parceria com a sociedade civil. Este também é o pensamento de Armando Branco, que critica ferozmente os projetos desenvolvidos por políticos, que terminaram fracassando, justamente porque não procuraram comprometer a sociedade civil organizada. Assim como Luiz Queiroz, o presidente do IAB quer ver o estado, o município e empresas privadas unidos em torno de um projeto. "Projetos não faltam", diz Viana, muito embora reconheça que, ao longo dos anos, não se obtiveram muitos avanços nesta área, e os prédios históricos continuam caindo.

Uma proposta

Tomando como base apenas a capital baiana, fica difícil precisar o número de bens e monumentos históricos tombados, ou seja, protegidos por legislação específica. A área do Centro Histórico de Salvador (CHS), reconhecida pela UNESCO como patrimônio cultural da humanidade, vai no sentido sul-norte da cidade, de São Bento ao Santo Antônio Além do Carmo; e no oeste-leste, situa-se das imediações da Conceição da Praia até a Baixa dos Sapateiros. Excluindo-se os monumentos, tem-se cerca de 85 bens tombados individualmente no conjunto do Centro Histórico de Salvador, somente no âmbito federal, ou seja, pelo IBPC.

Excluindo-se os bens tombados individualmente, geralmente ocupados por instituições públicas (o que não os livra do abandono), o Centro Histórico e o problema mais grave e mais urgente a ser resolvido. Marcia Santana, chefe da Divisão Técnica do IBPC, acha que a conservação do CHS passa pela solução do planejamento urbano da cidade. Em sua opinião, a expansão de Salvador contribuiu para o esvaziamento da área. A conservação, então, tornou-se cada vez mais difícil de ser resolvida com ações pontuais, que resultam apenas em recuperações estanques de determinados bens e monumentos.

"O Centro Histórico tem que ter uma ocupação habitacional, porque é o que da vida", afirma Armando Branco. Ele também responsabiliza o esvaziamento da área pela sua degradação. Observa, porém, que não se pode ter um amontoado de pessoas em prédios que não comportam alta demanda. "Lá, na verdade, existe um problema sério, que é a questão fundiária", diz o arquiteto. Em sua opinião, vai ter que sair gente de lá, pois esta é uma questão que terá de ser enfrentada, porque o excedente está ajudando a degradar mais rapidamente. "Assim, equacionando a questão da habitação, teria que se partir para um pacto entre a sociedade e o poder público, para que o CHS pudesse ser tratado como qualquer bairro", diz o presidente do IAB. Ele acha que escolas e outras instituições ajudariam a manter a vida na área, pois o que falta é uma programação consequente. Hoje, "tem-se a sensação de que cada órgão trabalha isolado".

Na opinião de Branco, a única coisa que vem salvando o CHS é a reação dos movimentos negros, uma iniciativa autônoma, que ele considera de extrema importância para a manutenção da vida no local. Mas há de se observar que, numa sociedade como a baiana, em que os museus são, equivocadamente, fechados aos domingos, não se pode esperar que as instituições oficiais, de repente, deixem de ser geridas por visões personalistas e passem a desenvolver um projeto que envolva todos os segmentos da sociedade.

CAD: 1º

PAG: 02

Novos planos salvariam o Centro Histórico

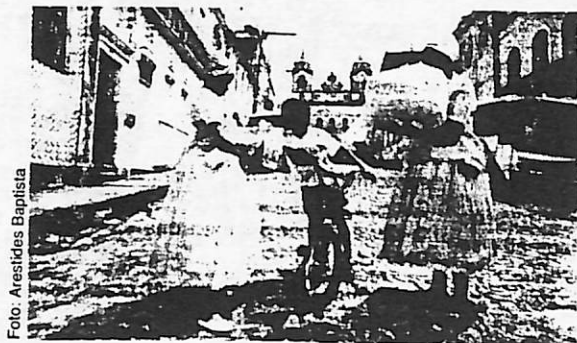


Foto: Aresides Baptista

O arquiteto Armando Branco, presidente do Instituto dos Arquitetos da Bahia (IAB), afirmou que, no nosso estado, patrimônio histórico é confundido com coisa velha e, portanto, descartável. Mas o novo diretor local do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural (IBPC), advogado Luiz Viana Queiroz, tem planos para melhorar o Centro Histórico (*Pág. 2*).